

*O prazer como uma  
força ativadora de  
espaços públicos*



TALK #1 OPAVIVARÁ!

PLEASURE AS AN ACTIVATING FORCE  
OF PUBLIC SPACES



UPon - Urban Practice from other nooks is a series of informal talks that reflects on urban practices from an inclusive, multilingual, context-bound and feminist perspective. By extending Urbane Praxis e.V.'s network beyond European borders, we aim to connect urban practitioners working in different contexts in order to facilitate reciprocal learning and exchange.

The series of talks is conceptualised and organised by Valeria Schwarz (artist, curator, art mediator and mother) and Lorène Blanche Goesele (architect and artist).

**18 – 11 – 2022**

### **EXCERPT FROM UPON TALK #1 WITH OPAVIVARÁ! (BRAZIL)**

OPAVIVARÁ! is an art collective from Rio de Janeiro, which develops actions in public spaces of the city, galleries and cultural institutions, proposing inversions in the use of urban space through the creation of relational devices that provide collective experiences. Since its creation in 2005, the group has been actively participating in the Brazilian contemporary art scene.

**UPon:** On the website of Quartier des Spectacles à Montréal you are described as an “urban mini utopia instigator”. Can you tell us a bit about it? What’s the role of utopia in your work?

**OPAVIVARÁ!:** Yeah, we could say that we have a lot of utopian ideas and think of pleasure as a revolutionary tool. Maybe it’s a bit utopic, isn’t it? A lot of political activism uses the same words that are used in the military, like the avantgarde, struggle, fight, vocabulary of war and confrontation. Because of course, sometimes this is maybe the only way. We try to bring pleasure to that struggle by adding some other vocabulary and practices that can change a space, and a political situation, in a pleasurable way. You know, like it’s not more or less powerful, it’s just another way to reach the same goal, by entering through the in-between spaces where we can get in and infiltrate, and then, boom, create another possibility of being. And sometimes, yes, it’s very utopic, but maybe it’s better to think about utopia than dystopia, isn’t it? There is this indigenous activist and thinker, Ailton Krenak, who was also a member of parliament in the 80’s. Just before the pandemic, he published the book *Ideas to Postpone the End of the World*. He discussed a lot of things that our works are connected to. And at some point, he says that humanity as a whole will never stop falling and that we must learn how to fall. He says that we should create some very colourful parachutes, so at least it would be a beautiful fall for everyone, very colourful and smooth. And then we did a piece right at the same time that the book was being published. Krenak saw the work and was very happy and said, “Oh, you did this work because of what I wrote.” And we couldn’t say no. We said, “Of course, of course, those are the parachutes for everyone to fall. With colour and beauty.” It is called SOLAROCCA. „Oca“ is the tupi-indigenous word for “house” followed by “solar”. It was a huge geodesic structure that we covered with big parasols. It was exhibited at the Dubai art fair. You can imagine how crazy it was because everything is the same sandy colour there, especially on the site of the venue, and then this very colourful object was in the middle of the art fair. It’s a place where you can be inside and do whatever you want. That was the only place at the art fair that the Sheikh didn’t visit when he visited the art fair, maybe because of the colours. First, we wanted the object to be striped with the colours of the LGBT+ flag. But then we had a lot of arguments with production and the curators and okay, we used the colours, but scattered and not in lines. It’s very clear that those colours represent diversity.

Scan the code for reading the full interview

Talk with OPAVIVARÁ!, Lorène Blanche Goesele, Valeria Schwarz and the popUP-week audience

Transcript edition: Lorène Blanche Goesele, Valeria Schwarz

Proofreading EN: Emily Hawkins

Translation EN to PT: OPAVIVARÁ!

Graphic design: Stephanie Becker

Pictures: OPAVIVARÁ!

Public Relations: Lorène Blanche Goesele, Tomma Suki Hinrichsen

With many thanks to Netzwerkstelle Urbane Praxis

This series of talks is supported by the Senate Department for Urban Development, Building and Housing as part of the expansion of the Netzwerkstelle Urbane Praxis, carried out by Urbane Praxis e.V.

*UPon – Práticas Urbanas de outros recantos é uma série informal de conversas que refletem sobre práticas urbanas de uma perspectiva inclusiva, feminista. Ao estender a rede da Urbane Praxis e.V. para além das fronteiras europeias visamos conectar urbanistas trabalhando em diferentes contextos a fim de expandir a reciprocidade das trocas e aprendizados.*

*A série de conversas foi pensada e organizada por Valeria Schwarz (artista, curadora, arte-mediadora e mãe) e Lorène Blanche Goesele (arquiteto e artista).*

**18 – 11 – 2022**

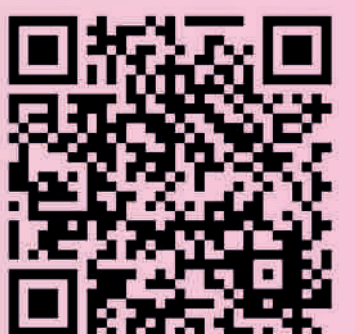
### **TRECHOS DA CONVERSA COM OPAVIVARÁ! (BRASIL)**

*OPAVIVARÁ! é um coletivo de arte do Rio de Janeiro, que desenvolve ações em locais públicos da cidade, galerias e instituições culturais, propondo inversões dos modos de ocupação do espaço urbano, através da criação de dispositivos relacionais que proporcionam experiências coletivas. Desde sua criação, em 2005, o grupo vem participando ativamente no panorama das artes contemporâneas.*

**UPon:** No site do Quartier des Spéctacles de Montreal vocês são descritos como: “Instigadores urbanos de mini utopias”. Vocês podem nos dizer um pouco sobre isso, o que a ideia de utopia representa para o trabalho de vocês?

**OPAVIVARÁ!:** Bem, podemos dizer que temos muitas ideias utópicas e que pensamos no prazer como um gesto revolucionário. Talvez seja um pouco utópico, não é? Muitos ativismos políticos usam o mesmo vocabulário militar, como avantgarde, luta, batalha, esse vocabulário de guerra e confronto. Porque, claro, às vezes esse é o único caminho. Nós tentamos trazer o prazer pra esse embate adicionando outro vocabulário e práticas que possam mudar espaços e situações políticas a partir de um jeito prazeroso. Isso não quer dizer que seja mais ou menos potente, são apenas outros caminhos para chegar no mesmo objetivo, entrando nas frestas por onde podemos nos infiltrar, e aí criar outra possibilidade de ser. E algumas vezes sim, isso é muito utópico, mas talvez seja melhor pensar em utopia do que distopia, não? Existe um ativista e líder indígena, Ailton Krenak, que também foi membro do congresso nos anos 1980. Logo antes da pandemia ele publicou um livro chamado *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*. Ele fala muitas coisas que acreditamos estarem conectadas com nosso trabalho. Em um momento ele diz que a humanidade está sempre caindo e que o que temos que fazer é aprender a cair. Ele propõe a criação de paraquedas coloridos para que, pelo menos, a queda fosse mais bonita para todos, colorido e suave. Nós fizemos um trabalho logo antes do livro ser publicado. O Krenak viu o trabalho e disse: “Ah! Vocês fizeram o trabalho por causa do que eu escrevi!”. E não podíamos negar! “Claro! Claro que foi por causa dos paraquedas para todos caírem com cor e beleza”. O trabalho se chama SOLAROCCA. OCA é a palavra Tupi para casa seguida de solar. Era uma gigantesca estrutura geodésica coberta por guarda-sóis. Foi para a feira de arte de Dubai. Dá pra imaginar a estranheza que era, porque tudo lá onde era a feira, é construído com aquela mesma cor de deserto e de repente aquele objeto colorido enorme no meio de tudo. É um lugar para entrar e fazer o que quiser. Foi o único lugar da feira que o Sheik não quis entrar na feira, talvez pelas cores. Primeiro a gente queria o objeto com as listras da bandeira LGBT+. Mas conversamos muito com a produção e curadoria e usamos as mesmas cores espalhadas pela estrutura. Mas era bem claro que aquelas cores representavam a diversidade.

Digitalize o código para ler a entrevista completa





*Radical ~~P~~edagogies  
for an open, collective  
and feminist city*



TALK #2  
COLECTIVA HABITARIA  
Y LA ESCUELA\_\_\_

PEDAGOGÍAS RADICALES PARA  
UNA CIUDAD ABIERTA, COLECTIVA Y  
FEMINISTA

# COLECTIVA HABITARIA

UPon - Urban Practice from other nooks es una serie de conversaciones informales que reflexionan sobre prácticas urbanas desde una perspectiva inclusiva, multilingüe, contextualizada y feminista. Al extender la red de Urbane Praxis e.V. más allá de los límites europeos, queremos conectar a aquellas personas trabajando en diferentes contextos para facilitar el intercambio y aprendizaje recíproco. Esta serie de charlas está conceptualizada y organizada por Valeria Schwarz (artista, curadora, mediadora cultural y madre) y Lorène Blanche Goesele (arquitecta y artista).

09 – 12 – 2022

## EXTRACTO DE LA CHARLA #2 DE UPON CON COLECTIVA HABITARIA Y LA ESCUELA

UPon: ¿Cómo define hoy Colectiva Habitaria un hábitat inclusivo y feminista? ¿Cuáles son los puntos que hay que considerar en el momento de planearlo?

Natalia - CH: Es una pregunta difícil de responder brevemente y de una sola forma. Una de las herramientas que usamos para proyectar o para ficcionar es una lista de categorías tradicionales, domésticas, o categorías tradicionales de proyecto, que, por lo general, siempre son contrapuestas y binarias. En contraposición tratamos de armar unas nuevas categorías postdomésticas, en donde ya no son dos ni se contraponen, sino que son abiertas y simultáneas (...). ¿Cómo incluir estas categorías de lo político, del deseo, de la ficción para generar espacios desjerarquizados, espacios flexibles, espacios apropiables? Y siempre tratando de llevarlo a un hábitat que también incluya a otras especies, que esté pensado para otros sujetos. Se trata de pensar en la diversidad de sujetos, cuestionar cómo son las normativas y por qué, para empezar a pensar en otras variables.

Lupe - CH: En esta cuestión inclusiva y feminista creo que es bueno tener muy presente las cargas simbólicas que tienen los espacios que habitamos, así como la perpetuación de roles de género que implica la vivienda por excelencia, pero la ciudad también. Sabemos que la vivienda ejerce un rol clave en la invisibilización de los trabajos reproductivos. Por eso vemos el potencial político en transgredir estos límites. Entonces, hay que tener todo el tiempo presente esta dicotomía entre lo reproductivo y lo productivo para tratar de romperlo. Y creo que es fundamental poner los cuidados en el centro y estar atentos a ver si con alguna acción estamos perpetuando un rol de género.

En esta categorización de los espacios de una vivienda están los lugares principales y los de servicios. La cocina es un lugar de servicio en la casa. Es un lugar de trabajo también, pero es un trabajo invisibilizado. Entonces, no es menor que repensemos cómo se diseña una cocina y muchas veces una de nuestras propuestas es colectivizar esa tarea, sacarla afuera. Sacarla afuera puede ser hacer una cocina urbana o puede ser en un conjunto de viviendas colectivas que sea un espacio por fuera de esa unidad íntima, donde ese rol se colectiviza.

Y después, en lo que respecta a una ciudad feminista, justamente es una ciudad que nos cuide y que esté atenta a esas tareas cotidianas de cuidado. En general, la ciudad está pensada para la producción, pero no para los cuidados. Y lo mismo para una ciudad inclusiva: no hay una receta, pero implica tener estos conceptos muy presentes para no reproducir roles de género y tratar de romper estas lógicas y que, en todo caso, no quede en una cuestión de género, sino en tareas sociales de la comunidad, del Estado. Se trata de entendernos seres interdependientes y ecodependientes. El paradigma filosófico de lo común como estrategia de resistencia puede unir todos estos conceptos y empezar a fomentar distintas prácticas y formas de hacer ciudades y viviendas diversas.

Escanea el código para acceder a la entrevista completa

Charla híbrida con Colectiva Habitaria (Víctor Kahanoff, Luciana Karina, Franco López, Natalia Pego, Gabriel Martín Pellegrino), LA ESCUELA (Miguel Braceli), Valeria Schwarz y la audiencia de Urbane Praxis  
Transcripción y edición: Valeria Schwarz  
Traducción al inglés: Daniel Izquierdo

Diseño gráfico: Stephanie Becker

Fotos: Colectiva Habitaria

Comunicación: Lorène Blanche Goesele, Tomma Suki Hinrichsen

Un agradecimiento especial a Netzwerkstelle Urbane Praxis

Esta serie de charlas está financiada por el Departamento de Desarrollo Urbano, Edificación y Vivienda del Senado de Berlín y es parte de la expansión de la red Urbane Praxis e.V.

UPon - Urban Practice from other nooks is a series of informal talks that reflects on urban practices from an inclusive, multilingual, context-bound and feminist perspective. By extending Urbane Praxis e.V.'s network beyond European borders, we aim to connect urban practitioners working in different contexts in order to facilitate reciprocal learning and exchange.

The series of talks is conceptualised and organised by Valeria Schwarz (artist, curator, art mediator and mother) and Lorène Blanche Goesele (architect and artist).

09 – 12 – 2022

## EXCERPT FROM UPON TALK #2 WITH COLECTIVA HABITARIA AND LA ESCUELA

UPon: How does Colectiva Habitaria define an inclusive and feminist habitat today? What are the points to consider when planning it?

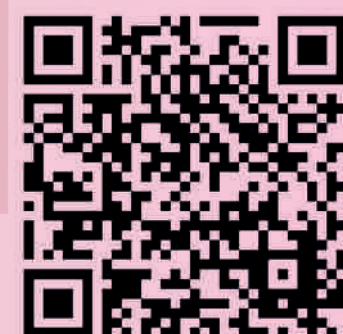
Natalia - CH: It's a difficult question to answer briefly and in just one way. One of the tools we use to project or to fictionalise is a list of traditional, domestic categories, or traditional project categories, which are often counterposed and binary. In contrast, we try to put together new post-domestic categories, where there are no longer two or opposing categories, but open and simultaneous. How can we include these categories of the political, of desire, of fiction to generate delayed spaces, flexible spaces, appropriable spaces? And always trying to take it to a habitat that also includes other species, that is designed for other individuals. It is about thinking about the diversity of subjects, questioning how the regulations are and why, in order to begin to think about other variables.

Lupe - CH: In this inclusive and feminist question, I think it is good to bear in mind the symbolic burdens of the spaces we inhabit, just like the perpetuation of gender roles that above all housing implies, but the city too. We know that housing plays a key role in making reproductive work invisible. That is why we see the political potential in transgressing these limits. So we have to keep this dichotomy between the reproductive and the productive in mind all the time in order to try to break it. And I think it is fundamental to put care at the centre and to watch out for whether we are perpetuating a gender role through any action.

In this categorisation of the spaces in a home, there are the main places and the service places. The kitchen is a service place in the house. It is also a place of work, but it is work that is made invisible. So it is no small thing that we rethink how a kitchen is designed, and often one of our proposals is to collectivise this task, to take it outside. Taking it outside can be to make an urban kitchen or it can be in a collective housing complex that is a space outside that intimate unit, where this role is collectivised.

And then, as far as a feminist city is concerned, it is precisely a city that takes care of us and keeps an eye on these daily tasks of care. In general, the city is designed for production, but not for care. And the same goes for an inclusive city: there is no recipe, but it implies keeping these concepts very much in mind so as not to reproduce gender roles and try to break these logics and, in any case, so that it is not a question of gender, but of the social tasks of the community, of the state. It is about understanding ourselves as interdependent and eco-dependent beings. The philosophical paradigm of the common as a strategy of resistance can unite all these concepts and begin to promote different practices and ways of making cities and housing diverse.

Scan the code for reading the full interview





*Radical ~~P~~edagogies  
for an open, collective  
and feminist city*



TALK #3  
COLECTIVA HABITARIA  
Y LA ESCUELA

PEDAGOGÍAS RADICALES PARA  
UNA CIUDAD ABIERTA, COLECTIVA Y  
FEMINISTA

LA ESCUELA

*UPon - Urban Practice from other nooks es una serie de conversaciones informales que reflexionan sobre prácticas urbanas desde una perspectiva inclusiva, multilingüe, contextualizada y feminista. Al extender la red de Urbane Praxis e.V. más allá de los límites europeos, queremos conectar a aquellas personas trabajando en diferentes contextos para facilitar el intercambio y aprendizaje recíproco. Esta serie de charlas está conceptualizada y organizada por Valeria Schwarz (artista, curadora, mediadora cultural y madre) y Lorène Blanche Goesele (arquitecta y artista).*

## **EXTRACTO DE LA CHARLA #2 DE UPON CON COLECTIVA HABITARIA Y LA ESCUELA**

**UPon:** LA ESCUELA\_\_\_ deconstruye o decoloniza una institución profundamente enraizada desde la modernidad: la escuela, reaccionando así a un tipo concreto de transferencia de conocimiento. Miguel, vos lo mencionas explícitamente en tu ensayo La Escuela Desnuda. Quizás puedas contarnos cuáles son los déficits concretos, las contradicciones, los hermetismos o incluso las violencias que detectaste en prácticas contemporáneas de formar y de investigar con las que te topaste y qué métodos desarrollas para modificar esos hábitos educativos.

**Miguel LA ESCUELA\_\_\_:** La Escuela Desnuda para mí es el origen de LA ESCUELA\_\_\_ . Es un texto que articula experiencias personales con reflexiones sobre arte y educación en el contexto de la pandemia. Yo estudié arquitectura y luego me convertí en artista, básicamente por mi práctica docente. La primera vez que estudié formalmente arte fue en Estados Unidos y fue muy impactante ver cómo las universidades replican el modelo institucional del mercado del arte, de las galerías, de los museos, de la caja blanca y le da la espalda a todo el movimiento que desde los '60 - '70 han venido desarrollando como modelos alternativos de creación, fuera y en oposición a estos espacios. La Escuela Desnuda se propone como una metáfora arquitectónica. Es un edificio sin paredes para acercar la educación a las realidades sociales en los contextos específicos, para aprender y contribuir desde y sobre estos contextos -a partir de allí el interés en el espacio público-.

**UPon:** Si hablamos de “sur global” con muchas comillas, ¿cuál es la relación de LA ESCUELA\_\_\_ con el Norte en términos de legitimación o emancipación?

**Miguel - LA ESCUELA\_\_\_:** Estaba claro que LA ESCUELA\_\_\_ iba a ser un proyecto latinoamericano, para crear una red de autores e investigaciones latinoamericanas. Reconocer y articular nuestras prácticas es el primer paso emancipador; volver a ver nuestros orígenes, nuestras historias, construir y visibilizar nuestras genealogías. Pero la estrategia ha sido desarrollar un proyecto bilingüe, más que por un tema de legitimación, por un tema visibilización. Creemos que estas prácticas ya están legitimadas per se, entonces se trata de equiparar y equilibrar la balanza, de visibilizar el valor de estas prácticas en una escala global. Y luego también sumaría la lección de Colectiva Habitaria sobre los códigos no binarios: tenemos que entender la relación Norte-Sur en códigos menos binarios ya que cada vez más son fronteras más borrosas.

[On the other hand], quisiera subrayar que Latinoamérica no es un bloque, es muy diversa, es muy compleja y también de ahí el interés de LA ESCUELA\_\_\_, de poner a Latinoamérica en red, generar conversaciones entre las distintas zonas, regiones y comunidades para que el intercambio comience desde adentro.

Escanea el código para acceder a la entrevista completa:

*UPon - Urban Practice from other nooks is a series of informal talks that reflects on urban practices from an inclusive, multilingual, context-bound and feminist perspective. By extending Urbane Praxis e.V.'s network beyond European borders, we aim to connect urban practitioners working in different contexts in order to facilitate reciprocal learning and exchange.*

*The series of talks is conceptualised and organised by Valeria Schwarz (artist, curator, art mediator and mother) and Lorène Blanche Goesele (architect and artist).*

## **EXCERPT FROM UPON TALK #2 WITH COLECTIVA HABITARIA AND LA ESCUELA**

**UPon:** LA ESCUELA\_\_\_ deconstructs or decolonises one institution deeply rooted in the modernity of society: the school as a way to react to a concrete type of knowledge transfer. Miguel, you mention this explicitly in your essay La Escuela Desnuda (The Naked School). Perhaps you could tell us about the specific deficits, contradictions, hermeticisms or even the violence that you have detected in contemporary practices of education and research that you have come across, and what methods you are developing to modify these educational habits.

**Miguel LA ESCUELA\_\_\_:** La Escuela Desnuda (The Naked School) for me is the origin of LA ESCUELA\_\_\_ . It is a text that articulates personal experiences with reflections on art and education in the context of the pandemic. I studied architecture and then became an artist, basically because of my teaching practice. The first time I formally studied art was in the United States and it was very shocking to see how the universities replicate the institutional model of the art market, the galleries, the museums, the white cube and turn their backs on the whole movement that has been developing since the '60s and '70s as alternative models of creation, outside and in opposition to these spaces. La Escuela Desnuda (The Naked School) is proposed as an architectural metaphor. It is a building without walls to bring education closer to social realities in specific contexts, to learn and contribute from and about these contexts - hence the interest in the public space.

**UPon:** If we talk about the “global south” with inverted commas, what is the relationship between LA ESCUELA\_\_\_ and the North in terms of legitimisation or emancipation?

**Miguel - LA ESCUELA\_\_\_:** It was clear that LA ESCUELA\_\_\_ was going to be a Latin American project, to create a network of Latin American authors and research. To recognise and articulate our practices is the first emancipatory step; to look back at our origins, our history, to build and make our genealogies visible. But the strategy has been to develop a bilingual project, more than for legitimisation, for the sake of visibility. (...) We believe that these practices are already legitimised per se, so it is a question of equalising and balancing the scales, of making the value of these practices visible on a global scale. And then I would also add Colectiva Habitaria's lesson on non-binary codes: we have to understand the North-South relationship in less binary codes, as the borders are increasingly blurred. [On the other hand], I would like to underline that Latin America is not a block, it is very diverse, it is very complex and that is also the reason for the interest of LA ESCUELA\_\_\_, to put Latin America in a network, to generate conversations between the different zones, regions and communities so that the exchange begins from within.

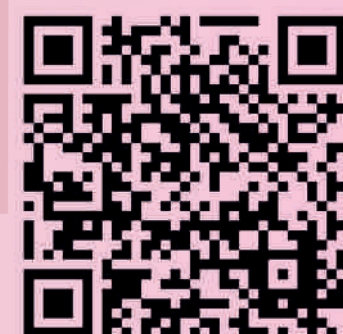
Scan the code for reading the full interview:

Charla híbrida con Colectiva Habitaria (Víctor Kahanoff, Luciana Karina, Franco López, Natalia Pego, Gabriel Martín Pellegrino), LA ESCUELA\_\_\_ (Miguel Braceli), Valeria Schwarz y la audiencia de Urbane Praxis  
Transcripción y edición: Valeria Schwarz  
Traducción al inglés: Daniel Izquierdo  
Diseño gráfico: Stephanie Becker

Fotos: Nelson Campos, Ana Victoria Jiménez y Archivo Histórico José Vial Armstrong, Escuela de Arquitectura y Diseño, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso.

Comunicación: Lorène Blanche Goesele, Tomma Suki Hinrichsen

Esta serie de charlas está financiada por el Departamento de Desarrollo Urbano, Edificación y Vivienda del Senado de Berlín y es parte de la expansión de la red Urbane Praxis e.V.



*Aprendiendo de la pe-  
riferia*

TALK #4  
CENTRO RURAL DE ARTE  
LEARNING FROM THE PERIPHERY



CENTRO RURAL DE ARTE

UPon - Urban Practice from other nooks is a series of informal talks that reflects on urban practices from an inclusive, multilingual, context-bound and feminist perspective. By extending Urbane Praxis e.V.'s network beyond European borders, we aim to connect urban practitioners working in different contexts in order to facilitate reciprocal learning and exchange.

The series of talks is conceptualised and organised by Valeria Schwarz (artist, curator, art mediator and mother) and Lorène Blanche Goesele (architect and artist).

**16 – 12 – 2022**

### **EXCERPTS FROM UPON TALK #3 WITH CENTRO RURAL DE ARTE (ARGENTINA)**

CRA | Centro Rural de Arte creates interdisciplinary operative platforms, where people with various knowledge interact. Residencies, workshops, talks, different ways of creation and research. Some activities are nomadic and we have alliances with places that host these experiences temporarily.

We do trust in rural areas. We orient our energy towards the place where raw materials are produced, we match our bodies to cyclic time, we try social forms and relations between natures diversas. CRA looks forward to overflowing itself with each alliance. An exchange that stimulates.

**UPon:** In the previous exchanges before our talk you remarked that you are a nomad association. What advantages and disadvantages do you see in the nomad approach?

**María:** The nomad approach gives us a freshness of the foreign visitor, like a certain distance and possibility of seeing things in a different way. We always create a platform with local people and this cooperation creates new views together. As actions are eventual it's not very common that we return to the same place. There is no accumulation of social processes. We trust that with the action we leave some inspiration for the people there. Our actions are very concentrated and intense, sometimes around 15 days, one month, one week long, depending on the projects. So although there is no social process accumulating in a specific village, there is an accumulation without borders: feeding a consciousness without borders. Many times we return again and again in different time windows collaborating with people, artists and organisations that we have worked with before. Therefore, the accumulation is not in the territory but in the relations.

**UPon:** How do you adapt your methods and strategies to rural contexts?

**María:** Yes, there are many adaptations that we include in our practice. One adaptation lies in our nomadic practice because there usually are no theatres or galleries or residency spaces with all the facilities in rural spaces. We have to invent everything when we go to work. We temporarily activate empty spaces, subverting their original use, adapting the space for its new purpose and putting in some furniture: creating the conditions for a workplace, space of exhibition or living or meeting. For example we have worked in an abandoned train station which was huge. We cleaned everything and transformed it into a residency for artists. We readapted many spaces for this use, for example the volunteer house of a national park or an abandoned house in the forestry station. We make alliances with institutions as partners that allow us to use this infrastructure. We also create strategies to meet people because rural areas in Argentina are quite isolated. We meet people by going to places where people are already together: schools, work spaces, stores and events like fairs or traditional festivals. We join these local temporary gatherings and usually all these space and time variations change the mode of the artistic work because the context changes. (...)

**Scan the code for reading the full interview**

Hybrid talk with Centro Rural de Arte (María José Trucco), Lorène Blanche Goesele, Valeria Schwarz and the UP audience  
Transcript edition: Lorène Blanche Goesele

Translation EN to ES: Daniel Izquierdo

Graphic design: Stephanie Becker

Pictures: Centro Rural de Arte

Public Relations: Lorène Blanche Goesele, Tomma Suki Hinrichsen

This series of talks is supported by the Senate Department for Urban Development, Building and Housing as part of the expansion of the Netzwerkstelle Urbane Praxis, carried out by Urbane Praxis e.V.

UPon - Urban Practice from other nooks es una serie de conversaciones informales que reflexionan sobre prácticas urbanas desde una perspectiva inclusiva, multilingüe, contextualizada y feminista. Al extender la red de Urbane Praxis e.V. más allá de los límites europeos, queremos conectar a aquellas personas trabajando en diferentes contextos para facilitar el intercambio y aprendizaje recíproco. Esta serie de charlas está conceptualizada y organizada por Valeria Schwarz (artista, curadora, mediadora cultural y madre) y Lorène Blanche Goesele (arquitecta y artista).

**16 – 12 – 2022**

### **UPON CONVERSACIÓN #3 CON EL CENTRO RURAL DE ARTE (ARGENTINA)**

CRA | Centro Rural de Arte trabaja desde el 2008 de modo nómada. Nos interesa promover una investigación artística que tensione los alcances de los lenguajes y saberes específicos para ensayar formas de relación entre naturalezas diversas. Las actividades proponen distintos formatos de intercambio con la comunidad, talleres, charlas, residencias y diversos modos de creación e investigación. A lo largo de estos años hemos desarrollado proyectos en articulación con entidades públicas y privadas, nacionales e internacionales, y hemos sido invitades a participar de encuentros en el país y en el exterior sobre gestión y desarrollo cultural.

**UPon:** En los intercambios previos a nuestra conversación comentaste que son una asociación nómada. ¿Qué ventajas y desventajas ves en el enfoque nómada?

**CRA:** Pues, por un lado, el enfoque nómada nos da la frescura de un visitante extranjero, como una cierta distancia y posibilidad de ver las cosas de otra manera. Siempre creamos una plataforma con la gente local y en esta cooperación creamos nuevas perspectivas juntas. Como las acciones son eventuales, no es muy habitual que volvamos al mismo sitio. No hay acumulación de procesos sociales. Confiamos en que con la acción dejamos algo de inspiración para la gente de allí. Nuestras acciones son muy concentradas e intensas, a veces duran unos 15 días, un mes, una semana, dependiendo de los proyectos. Así que, aunque no haya un proceso social que se acumule en un pueblo concreto, sí hay una acumulación sin fronteras: para alimentar una conciencia sin fronteras. Muchas veces volvemos una y otra vez en diferentes ventanas temporales colaborando con personas, artistas y organizaciones con los que ya hemos trabajado antes. Por tanto, la acumulación no está en el territorio, sino en las relaciones.

**UPon:** ¿Cómo adaptan sus métodos y estrategias a los contextos rurales?

**CRA:** Hay muchas adaptaciones que incluimos en nuestra práctica. La primera se sitúa en nuestra práctica nómada, porque normalmente no hay teatros ni galerías ni espacios de residencia con todas las instalaciones en los espacios rurales. Tenemos que inventárnoslo todo cuando vamos a trabajar. Entonces lo que hacemos es activar temporalmente los espacios vacíos, subvirtiendo su uso original, adaptando el espacio para su nuevo uso e instalando mobiliario: crear las condiciones para que se transforme en un lugar de trabajo, de exposición o de vida o de una reunión. Por ejemplo, trabajamos en una estación de tren abandonada que era muy grande. La limpiamos y la transformamos en una residencia para artistas. Re-adaptamos muchos espacios para este uso, por ejemplo la casa de voluntarios de un parque nacional o una casa abandonada en una estación forestal. Creamos alianzas con instituciones como socios que nos permiten utilizar esta infraestructura. También creamos estrategias para conocer a gente porque en las zonas rurales en Argentina están bastante aisladas. Entonces conocemos a gente yendo a los sitios donde la gente ya está reunida: vamos a colegios, lugares de trabajo, tiendas y eventos como ferias o festivales tradicionales. Nos unimos a estos encuentros locales y normalmente todos estos espacios y variaciones temporales modifican el modo de trabajo artístico porque el contexto cambia. (...)

**Escanea el código para acceder a la entrevista completa**





*La narración oral  
como estrategia para  
navegar contextos  
urbanos*



TALK #4  
MAÏMOUNA JALLOW

STORYTELLING AS A STRATEGY TO  
NAVIGATE URBAN CONTEXTS

MAÏMOUNA JALLOW

UPon - Urban Practice from other nooks is a series of informal talks that reflects on urban practices from an inclusive, multilingual, context-bound and feminist perspective. By extending Urbane Praxis e.V.'s network beyond European borders, we aim to connect urban practitioners working in different contexts in order to facilitate reciprocal learning and exchange.

The series of talks is conceptualised and organised by Valeria Schwarz (artist, curator, art mediator and mother) and Lorène Blanche Goesele (architect and artist).

08 – 02 – 2023

#### UPON #4 TALK WITH MAÏMOUNA JALLOW

UPon: You also perform in open air urban spaces. Talking about the moment of bonding through stories and also the democratic aspect of your storytelling: can you describe the collective moment taking place in the audience? How does it differ to theatres, how does the audience interact with the stories and with each other?

Maïmouna: I love performing in public spaces, where passersby can stop and listen. To be able to tell a story in a public space is part of the charm of going back to the tradition where the story is owned collectively by everyone. I want to mention telling *Shela's Journey* in Jamestown. I wrote it when Eric Garner was killed by the American police. He was selling cigarettes outside a convenience store and he was choked. And he's the one who said 'I can't breathe' eleven times six years before George Floyd was also tragically choked to death by the American police. I remember being in Kenya at the time and being really struck by the brutality of this act and wondering why we as Africans were not responding in tremendous anger, remembering the connections that we had historically, where for example the civil rights movement in the US was linked to independence movements in Africa. And I wondered, where did that solidarity go? That's when I wrote *Shela's Journey*, which is a story about a little girl whose parents are kidnapped into slavery and who goes on a journey to find them.

Along that journey she passes through Brazil where she finds her mother in a slave plantation and she asks her: 'What can we do to make sure all our people here know that they still have a home, that they still have a name, that their ancestors have not forgotten them?' And Shela's mom says: 'We're going to cook a feast.' You know, between Brazil and Africa there are so many similarities in terms of food, so for people that have been ripped from their land and had to survive in other places, home and territory can actually survive through things like food, music and dance. I wanted to show our similarities through this story. Eventually, Shela gets to the USA, and when she finds her father, laying on the ground, being held in a chokehold, she runs to him and says: 'Just remember that you still have a home, you still have a name. Our ancestors have not forgotten you.' No one knows if Shela's father will ever find his way back home. But people swear that from Goree to Chicago, from Berlin to Dakar, they can still hear her song when the wind blows so that we still remain connected.

It was so powerful to perform that story in Ghana, in Jamestown, which has a fort where people who were captured were kept chained until they were transported in the transatlantic slave trade because it really felt like the ancestors were with me and that we were bringing their story back alive in a sense.

When you're performing in a public space like that it's not a controlled environment. You have to get used to the fact that not everybody is going to be captivated. But when you are able to connect with some of the people, it's really amazing. Also, we have to teach etiquette. I remember performing in Nairobi and a group of schoolkids passed by and they stopped, but the teacher was on the mobile phone the whole time whilst I was telling the story and I had to stop and say, 'Excuse me, can you take the call somewhere else?' We also have to reteach what it is to be an active listener because the story only exists if you have the teller and the listener.

Scan the code for reading the full interview

Interview with Maïmouna Jallow and Lorène Blanche Goesele, Valeria Schwarz

Transcript edition: Lorène Blanche Goesele, Valeria Schwarz

Translation EN to ES: Bruno Mattiussi

Graphic design: Stephanie Becker Public

Relations: Lorène Blanche Goesele, Tomma Suki Hinrichsen

With many thanks to the team Netzwerkstelle Urbane Praxis

This series of talks is supported by the Senate Department for Urban Development, Building and Housing as part of the expansion of the Netzwerkstelle Urbane Praxis, carried out by Urbane Praxis e.V.

UPon - Urban Practice from other nooks es una serie de conversaciones informales que reflexionan sobre prácticas urbanas desde una perspectiva inclusiva, multilingüe, contextualizada y feminista. Al extender la red de Urbane Praxis e.V. más allá de los límites europeos, queremos conectar a aquellas personas trabajando en diferentes contextos para facilitar el intercambio y aprendizaje recíproco. Esta serie de charlas está conceptualizada y organizada por Valeria Schwarz (artista, curadora, mediadora cultural y madre) y Lorène Blanche Goesele (arquitecta y artista).

08 – 02 – 2023

#### UPON # 4 CONVERSACIÓN CON MAÏMOUNA JALLOW

UPon: Tú también actúas en espacios públicos. En relación al vínculo emocional que se establece a través de las historias y de la cualidad democrática de tus narraciones, ¿podrías describir el momento colectivo que tiene lugar entre el público? ¿En qué se diferencia de los teatros? ¿Cómo interactúa el público entre sí y con las historias?

Maïmouna: Me encanta actuar en espacios públicos porque la gente que pasa se puede parar a escuchar. Poder contar una historia en un espacio público es parte del encanto de volver a la tradición de acuerdo a la que una historia le pertenece a cualquiera de forma colectiva. Quisiera mencionar que conté *Shela's Journey* en Jamestown (Acra). Escribí esta historia cuando Eric Garner fue asesinado por la policía en Estados Unidos. Vendía cigarrillos a la puerta de una tienda de barrio y fue asesinado por estrangulamiento. Fue Garner el que dijo once veces «No puedo respirar» seis años antes de que George Floyd también fuese trágicamente asfixiado por la policía de Estados Unidos. Recuerdo que estaba en Kenia en ese momento y me sentí muy afectada por la brutalidad del acto, y al recordar los vínculos que hemos tenido con Estados Unidos a lo largo de la historia, como por ejemplo la relación entre el movimiento por los derechos civiles en ese país y los movimientos por la independencia en África, me pregunté por qué en África no había una respuesta de ira feroz. Me preguntaba adónde había ido a parar esa solidaridad. Entonces escribí *Shela's Journey*, un cuento sobre una niña pequeña que parte a la búsqueda de su madre y de su padre, secuestrados y esclavizados. En el viaje llega a Brasil, donde encuentra a su madre en una plantación esclavista y le pregunta: «¿Qué podemos hacer para asegurarnos de que nuestra gente aquí sepa que todavía tiene un hogar, que todavía tiene un nombre, que sus ancestros no la han olvidado?». Y la madre le responde: «Haremos un banquete». ¿Sabes? Entre Brasil y África hay tantas similitudes en cuanto a la comida que para la gente que ha sido arrancada de su tierra y ha tenido que sobrevivir en otros lugares, el hogar y el territorio pueden, en realidad, sobrevivir en cosas como la comida, la música y el baile. Así que con esta historia quería mostrar nuestras semejanzas. Tarde o temprano Shela llega a Estados Unidos, y cuando encuentra a su padre, que yace en el suelo inmovilizado con una llave de estrangulamiento, corre a su lado y le dice: «Recuerda que todavía tienes un hogar, que todavía tienes un nombre. Nuestros ancestros no se han olvidado de ti». Nadie sabe si el padre de Shela encontrará algún día el camino de regreso a casa. Pero la gente jura que desde la isla de Goree hasta Chicago, desde Berlín hasta Dakar, todavía escucha la canción de ella cuando sopla el viento, de forma que seguimos vinculados. Fue muy potente narrar esa historia en Ghana, en Jamestown, donde hay un fuerte en el que la gente capturada esperaba encadenada hasta ser transportada en el comercio de esclavos transatlántico, porque sentí de verdad que era como si mis ancestros estuviesen conmigo y que en cierto sentido estábamos reviviendo su historia.

Cuando actúas en un espacio público así, el contexto no es algo que controles. Tienes que hacerte a la idea de que no todo el mundo estará cautivado. Pero cuando consigues conectar con algunas de esas personas es verdaderamente increíble. Además, tenemos que enseñar modales. Recuerdo actuar en Nairobi cuando pasó un grupo de estudiantes que se detuvo, la maestra hablaba por teléfono sin parar mientras yo estaba contando el cuento, y tuve que parar y decirle: «Disculpe, ¿podría seguir con la llamada en otro lugar?». Tenemos, además, que volver a enseñar lo que significa una escucha activa, porque el cuento existe únicamente si tenemos quien lo narre y quien lo escuche.

Escanea el código para acceder a la entrevista completa

